

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL – RELATO DE UM ESTÁGIO

Alex Leandro Xavier Mendes¹

Felipe Freire da Silva²

Jéssica Vieira de Sousa³

Keutre Gláudia Da Conceição Soares Bezerra⁴

RESUMO

É perceptível a importância do ato de contar história na Educação Infantil, pois os contos de fadas, as fábulas, a literatura infantil, entre outros, são instrumentos riquíssimos no processo de ensino aprendizagem, podendo usar como aliado nesse processo a imaginação da criança, e assim de uma forma lúdica, despertar o prazer pela leitura e mediar a construção de um senso crítico na criança. O presente trabalho por acreditar que essa prática está sendo um pouco esquecida pelos protagonistas da educação, buscou respaldo em autores que estudam a temática, para analisar como se dá o ato de contar história, se essa prática realmente acontece em sala de aula e como os alunos reagem a essa metodologia. A partir dos objetivos propostos foi feita uma pesquisa de campo, onde o território escolhido foi o campo de estágio, que ocorreu em uma creche da cidade de Pau dos Ferros/RN, o levantamento de dados foi feito através da observação e regência do estágio proposto pela disciplina Seminário Temático, por alunos graduandos do 5º período de Pedagogia. Com os resultados obtidos, ficou comprovado a necessidade de implantação dessa metodologia de contação de história em sala de aula.

Palavras-chave: Contação de história, Educação infantil, Sala de aula.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de um trabalho proposto a partir da disciplina **Seminário Temático**, que tem por finalidade salientar a importância do ato de contar história na Educação Infantil, expondo como se dá dentro da sala de aula em uma experiência de estágio, vivenciada por alunos graduandos do 5º período de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN.

A contação de histórias sempre foi um meio de ensinar e de repassar conhecimentos de uma forma lúdica e dinâmica, mas, com o passar do tempo e adventos da modernidade e da tecnologia, onde o “conhecimento está na palma de nossas mãos”, o ato de contar histórias tornou-se para muitos uma perda de tempo. Como diz Busatto (2011, p. 20):

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, alex_lxm@hotmail.com

² Graduando em Pedagogia da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, fellype_ce@hotmail.com

³ Graduanda em Pedagogia da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, jessicav461@gmail.com

⁴ Professora Orientadora: doutoranda, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, keutresoares@uern.com

Para a atual sociedade de consumo, contar histórias pode ser interpretado como perda de tempo. É só observar a pouca paciência que se tem para ouvir o outro. [...] Esse estado de espírito, o ouvir, que pede quietura interna, qualidade seminal para a audição plena, foi substituído pela pressa e pelo agastamento típico de quem já detém informações suficientes para o viver.

METODOLOGIA

Para analisar a contação de história como um instrumento indispensável no planejamento e execução das práticas pedagógicas em sala de aula, nos respaldamos em autores como Bettelheim (1980), Busatto (2011), José (2009) e Moraes (2012). A pesquisa empregada foi a de campo, onde a princípio utilizou-se a observação para averiguação dos métodos da professora em sala de aula, e após foi feito planejamento respaldado nas teorias estudadas até então na graduação, e na observação da prática, para assim obter os resultados do presente estudo, o qual foi feito na Turma “C” da Pré-escola, com alunos de 5 e 6 anos, do Turno Vespertino, em uma Creche na cidade de Pau dos Ferros/ RN. Com o mesmo buscamos analisar através da vivência na observação e regência do estágio no ensino infantil, como se dá a contação de história, se realmente ela acontece, e como os alunos recebem essa leitura.

O resultado obtido mostra o quão deficiente está a prática pedagógica na utilização da contação de história como instrumento formador e humanizador, e também, vê-se o encantamento e a empolgação dos alunos quando são expostos ao fantástico mundo da leitura. Assim sendo, ressaltamos a importância desse estudo para alunos de graduação, professores que já exercem a profissão, e para pesquisas mais aprofundadas do tema abordado.

DESENVOLVIMENTO

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO ENSINO INFANTIL

Contar história é a mais antiga das artes, encontrada em várias línguas, dialetos e em povos de diversas culturas. A prática de contar história surgiu com a necessidade do ser humano relatar o que está acontecendo, ou o que já aconteceu no seu cotidiano, transmitindo esse conhecimento principalmente as crianças, hábito esse que foi sendo passado de geração em geração. Portanto, contar histórias é transmitir relatos, contos, desencontros, lendas, fábulas, experiências, causos, anedotas, etc., através da linguagem verbal, utilizando métodos

cada vez mais atrativos para que o mesmo seja um ato prazeroso tanto para quem conta quanto para quem ouve, emitindo ensinamentos de forma lúdica. Assim como diz Bettelheim (1980, p. 13):

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

A contação de história é um instrumento muito antigo e de suma importância no estímulo à leitura e no desenvolvimento da linguagem oral. Sua prática é capaz de estimular o senso crítico, a criatividade, a imaginação, conceitos éticos e morais. Há várias maneiras de se contar história, e em todas elas o narrador deve usar o prazer de narrar, usando estratégias como gestos corporais, entonações sonoras, mímicas, para que assim o ouvinte consiga se materializar na história ouvida. Qualquer pessoa pode contar história, basta fazer uma leitura prévia do enredo escolhido, para detectar o ritmo, os personagens, e o cenário ao qual o narrador terá que se tele transportar para tornar possível um elo de ligação entre o texto x narrador x ouvinte. Segundo José (2009, p. 62):

Haverá brinquedo mais gostoso do que ler ou ouvir história? É uma doce delícia que mexe com a inteligência, faz crescer interiormente, ensina caminhos para enfrentar o medo e a dor, sem oferecer mapas, caminhos ou lições moralistas. Através dos mistérios ouvidos/vividos, compreendemos outros mistérios de difícil entendimento.

Ao contar uma história a uma criança abrimos as portas da imaginação, de um universo novo, onde ela pode ser o que quiser. Uma maneira de introduzi-la a esse universo é com a literatura infantil dos contos de fada, os quais trazem ensinamentos através de metáforas com questões difíceis de se compreender na infância, tais como o sentido da vida, da morte e questões ligadas aos sentimentos, mas que através de contos com magia, fadas, mundos encantados, tornam-se de fácil compreensão. A literatura atua na construção da identidade da criança, é nela que será compreendido valores do bem o do mal, da dor e do amor. A criança que é apresentada a literatura desde os primeiros anos, o que deve acontecer por mediação da família, tem maiores chances de se tornar adultos mais sensibilizados, mais humanos e afetivos, além de terem uma maior criatividade e também uma capacidade de lidar melhor com conflitos diários na vida adulta. Sendo assim, acredita-se que para se formar adultos reflexivos e críticos, conscientes de seu papel perante o meio ao qual ele está inserido, depende do que está sendo mediado as crianças de hoje, pois “a criança de hoje é o homem/mulher do amanhã”. Podemos nos respaldar nas palavras de Cavalcanti (2002, p. 43):

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

A criança “iniciada” no mundo da leitura pelo viés do conto de fadas tem grande possibilidade de tornar-se alguém com capacidade criativa e sensibilidade para o estético, portanto de se acolher dentro das diversidades e antagonismos que refletem o *modus vivendi* do sujeito humano.

Segundo Almeida (2012), a partir do século XVII houve o reconhecimento da criança em suas especificidades, desenvolvendo-se então a diferença entre infância e a idade adulta, trazendo conteúdo específicos, ou seja, histórias voltadas ao mundo infantil. Segundo o mesmo autor, no Brasil a literatura infantil chegou entre os séculos de XIX e XX, tendo como principal escritor na literatura infantil o escritor Monteiro Lobato. De acordo com Busatto (2003, p. 37):

[...]o conto de literatura oral serve a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. Através do conto podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos éticos. O conto pode ser o estímulo que dará origens a estas e muitas outras reflexões.

Não se sabe ao certo de onde surgiram os contos de fadas, pois há diversas teorias, mas não há comprovações de qual é a verdadeira, o que sabemos é que essa prática é efetuada desde tempos remotos, sendo modificada por influências de cultura, época e interesses dos povos que as contam. Antigamente se contava história apenas para provar algum acontecimento, para repassar conhecimentos dos mais velhos aos mais novos, para abranger questionamentos sobre os mais diferentes assuntos, mas essas histórias não eram contadas de maneira a despertar o prazer pela leitura. Com o surgimento das novas tecnologias, a sociedade aderiu ao mundo do capitalismo, onde o que tem valor é o consumo exagerado, o ato de contar história tornou-se algo titulado como perda de tempo, e tempo nessa época de inquietude e ansiedade é algo valioso. Assim, tanto no âmbito familiar como nas instituições de ensino, o ensinar através de histórias infantis, tornou-se um hábito raro, considerado por muitos desnecessário, pois a informação está ao alcance de todos a todo instante. Há histórias escritas por vários meios, jornais, revistas, quadrinhos, internet, televisão, enfim, a leitura está por toda parte, mas o que está esquecido é a contação de história de uma forma mágica e envolvente a qual se usava antes, o que é lamentável. José (*apud* MOREIRA 2009, p. 59) diz que:

Os meninos de hoje não têm, como nós tivemos, quando éramos meninos, o dom de acreditar, com a inocência e a certeza. Íamos a países maravilhosos. Lá moravam as fadas, as boas, as más, as bonitas, as feias, as que sorriam num raio de lua, as que voavam, montadas em cabos de vassouras. Quantas histórias nos contaram! A elas devemos o regalo: tudo há de terminar bem. Delas ficou a sombra amiga que nos

envolve. Como se tivéssemos passado por um jardim. Como se o pássaro azul ainda cantasse... Ah! Meninos de hoje, nós éramos mais bobos..., mas fomos mais felizes...

Algumas escolas vendo a importância da contação de história, estão integrando essa prática cada dia mais na didática dos planos de aula, a fim de usar o lúdico e o encantamento para um processo de ensino aprendizagem mais eficaz, através do prazer mútuo que ocorre tanto pelo narrador quanto pelo ouvinte. A narração feita com metodologias da modernidade como vídeos, caixas de sons, fantoches, uso de teatro, dentre outros, é uma excelente ferramenta para ensinar, educar, divertir, despertar a curiosidade e acima de tudo o prazer pela leitura em todos os níveis de ensino. Porém deve ser ressaltado que nunca se deve abordar a história ou conto que irá ser narrado de forma pedagógica, evitando dar ensinamentos de moral da história ou cobrando explicações do que foi ouvido, pois a história contém pontos de subjetividade, ou seja, mostrar significados diferentes aos ouvintes. Deve-se então, contá-la de forma prazerosa, onde o processo de aprendizagem ocorre de forma indireta e simbólica, no intuito de despertar a criticidade aos ouvintes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O trabalho proporcionou dois momentos, o primeiro é um olhar crítico sobre a metodologia utilizada pela professora através da observação do cotidiano da sala de aula, e um segundo momento onde pode-se problematizar e utilizar metodologias para testar hipóteses sobre a contação de história, ambos foram vivenciados na sala de aula escolhida para o estágio.

OBSERVAÇÃO:

Na observação pode-se constatar que a creche é contemplada com um grande espaço para se trabalhar de forma lúdica tanto brincadeiras como a contação de história, mas vamos nos deter ao segundo ponto que é o de interesse do estudo em questão. Há uma brinquedoteca, que por sua vez conta com livros, televisão, dvd, espaço de leitura, fantoches, brinquedos, ou seja, há inúmeras possibilidades de planejar aulas, onde envolva a criança e sua imaginação. Além de ter sido elaborado uma “maleta viajante”, que seria levada todos os dias para casa por um aluno diferente, o qual deveria ler a história que vem dentro da maleta e no dia

seguinte fazer o relato na sala para os demais colegas, o que não foi efetivado em nenhum dia do referente estágio.

Referente ao planejamento anual da escola (PPP) e os planos de aula elaborados na semana, identifica-se que há intenção de se trabalhar a contação de história. Assim, no período de observação que foi feito em 5 dias, constatou-se que há sim a contação de história, porém, não é um costume diário, e quando o mesmo é feito, é de forma simbólica, sem muita preocupação em passar o encantamento e atuar de forma a deslumbrar os olhos e a atenção dos alunos, o que dificulta o hipnotizar dos olhos e da audição dos mesmos na história, acarretando numa falta de entendimento do conto.

REGÊNCIA:

Ao perceber a falta da contação de história na sala de aula, o planejamento do período de regência foi elaborado com o propósito de estabelecer essa metodologia diariamente, para assim testar a hipótese de uma aprendizagem voltada a ensinamentos estabelecidos através do ato de contar histórias. As histórias escolhidas para ser trabalhada em sala foram:

Quadro 1: histórias contadas durante a regência.

HISTÓRIA	AUTOR	METODOLOGIA
Adivinha o quanto eu te amo	Sam McBratney	Leitura pelo livro
Íris, uma linda flor!	Minéia Pacheco	Leitura do texto impresso, uso de painel com os personagens.
Uma História atrapalhada	Gianni Rodari	Leitura pelo livro com o uso de fantoches.
João e o pé de feijão	Imprensa da internet (Sem autor)	Exposição das cenas da história. Uso de leitura visual.
Sabe onde a bola foi parar?	Elza Cezar Sallut	Leitura do livro e demonstração dos personagens através de imagens impressas.
A árvore generosa	Shel Silverstein	Leitura do texto impresso, e uso de um painel expondo a história.
Menina bonita do laço de fita	Ana Maria Machado	Uso de vídeo com narração da história

Todos no sofá	Luísa Ducla Soares	Exibição de slides no power point
O carteiro chegou	Janet e Allan Ahlberg	Leitura da história usando uma televisão de caixa de sapato.
A ilha dos sentimentos	Reinilson Câmara	Leitura de texto impresso, exposição através de teatro de sombras.
Era uma vez uma semente	Judith Anderson e Mike Gordon	Exposição através de vídeo
Em cima daquela serra	Eucanaã Ferraz	Leitura do livro, exposição dos personagens impressos.

Fonte: Elaborado pelos autores

As escolhas das histórias contadas no período de regência foram feitas em consenso com a sequência didática da semana programada pela creche, assim, foram três semanas com temas distintos como animais, plantas e meios de comunicação. O planejamento das atividades que seriam trabalhadas no dia era elaborado de acordo com a história que seria lida, sendo assim, as atividades e as histórias tinham intuito pedagógico. Foram utilizados vários meios de contação de histórias, com objetivo de provocar reações diferentes nos alunos, e assim poder evidenciar qual metodologia foi a mais apreciada.

Em todas as histórias os alunos ficavam quietos, encantados com o enredo, sempre atentos a cada detalhe do conto, ao término da contação, eles próprios questionavam e enfatizavam o que foi aprendido. Utilizamos vários recursos e metodologias para a contação de história, desde a simples leitura com o livro, até uso de slides, teatro de sombras, fantoches, televisão de caixa de sapato, etc. Os meios que foram mais apreciados pela turma foi o teatro de sombras e o uso de fantoches.

O que também podemos destacar, é a ansiedade dos alunos para ouvir a história, pois todos os dias ao início da aula, eles perguntavam qual seria a história que seria contada no dia, e quando a mesma era uma história “curta”, os mesmos queriam que contasse outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho fica comprovado que o processo de contação de história na sala de aula no ensino infantil, não está tão presente no planejamento, levando como base a experiência vivida no estágio. Diante disso, podemos destacar que para que a contação de história na Educação Infantil seja feita de forma mais atrativa, o docente, o contador de história, precisa usar de técnicas mais chamativas, criativas e eficazes, que chame realmente a atenção do aluno, provocando nele uma interpretação única e criticidade do enredo ouvido/vivido.

Sendo assim foi visto que, a contação de história é presente sim na sala de aula, porém é repassada para as crianças sem uma preocupação necessária de enfatizar, de dramatizar, para que consiga instigar a criatividade e curiosidade desse aluno, para que realmente o docente consiga uma total atenção por parte da turma, usando de um método eficaz e muito importante para aprendizagem e desenvolvimento da criança que é a contação de história.

REFERÊNCIA

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**/ tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JOSÉ, Elias. **Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças** – Porto Alegre: Mediação, 2009. (2. ed. ver. e atual.) 116p.

MORAES, Fabiano. **Contar histórias: a arte de brincar com as palavras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.